

METÁFORA E ARGUMENTAÇÃO: UMA ABORDAGEM COGNITIVO-DISCURSIVA

Solange Coelho Vereza*

Resumo: O paradigma cognitivista no estudo da metáfora ressalta a natureza desse tropo como figura essencialmente de pensamento e não apenas de linguagem. Como resultado desse novo enfoque, a linguagem passou a ter um papel relativamente secundário como lócus da metáfora e, conseqüentemente, como foco da pesquisa em metáfora. No entanto, vários teóricos vêm, mais recentemente, destacando a dimensão discursiva da metáfora, propondo uma articulação entre discurso e cognição. Este trabalho afilia-se a esta tendência, tendo como objetivo explorar a dimensão argumentativa da metáfora, em especial a metáfora nova, como um recurso de natureza cognitivo-pragmática. Expressões metafóricas, discursivamente inter-relacionadas, que formam “nichos metafóricos” em textos persuasivos, serão examinadas.

Palavras-chave: metáfora; cognição; persuasão; pragmática.

1 INTRODUÇÃO

Com a solidificação do paradigma cognitivista nos estudos da metáfora, estudar a natureza semântica ou discursiva de expressões metafóricas na linguagem tornou-se uma atividade de pesquisa complementar, para não dizer secundária, uma vez que essas expressões passaram a ser vistas apenas como “evidências” do que parecia realmente importar aos lingüistas cognitivistas: as metáforas conceptuais subjacentes. Para usar uma noção introduzida por Steen (2006), a metáfora seria abordada, nesse paradigma, como parte de um *sistema*, tanto na dimensão do pensamento quanto na da linguagem. Já em estudos mais recentes, que deslocam o foco no *sistema* para o foco no *uso*,

* Professora da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. E-mail: <svereza@uol.com.br>.

a pesquisa sobre metáfora se depara com a complexidade e heterogeneidade do discurso. Dentro dessa perspectiva, este trabalho se propõe a examinar uma das várias questões que surgem a partir desse desafio, sem abrir mão dos conhecimentos gerados pelo enfoque cognitivista.

A problemática específica a ser explorada refere-se à produção, no discurso, de metáforas novas ou criativas, em oposição ao uso de metáforas convencionais, como um recurso de natureza textual e argumentativa. Lakoff e Johnson (1980/2002) referem-se a “desdobramentos” (*entailments*) para explicar o surgimento de metáforas novas que seriam “filiadas” a uma dada metáfora conceptual, ou construto cognitivo com mapeamentos convencionalizados. O desafio para o pesquisador do discurso, porém, são os enunciados em que o falante introduz uma nova metáfora cuja motivação (*ground*) intencionada não é necessariamente convencionalizada. Essa estratégia discursiva, comum na poesia, parece ser evitada no discurso cotidiano, por implicar uma grande indeterminação. Por isso, explicitar a motivação da metáfora, com pistas e analogias mais ou menos claras, parece prover a relevância pragmática necessária para criar pontes interpretativas sobre o mar da indeterminação. Com base nessa explicitação, o falante pode explorar a metáfora a partir de desdobramentos ou mapeamentos discursivos, que desempenham, no discurso, um papel tanto cognitivo quanto argumentativo, criando um texto cuja coesão e encadeamento discursivo podem ser caracterizados pelo que aqui denominaremos “nichos metafóricos”. Examinaremos também a possibilidade de um “argumento metafórico novo”: ou seja, desdobramentos, na dimensão textual, de metáforas convencionalizadas. O “novo” aqui estaria justamente na elaboração textual, com efeitos argumentativos, de uma metáfora não necessariamente nova, por meio desses desdobramentos, corroborando, assim, a hipótese pragmático-cognitiva.

Neste artigo, inicialmente, apresentaremos uma breve discussão sobre as tendências mais recentes nos estudos da metáfora e da argumentação, para que possamos situar as abordagens relativas à metáfora nova, que será o foco da seção seguinte. A terceira parte oferecerá uma análise de trechos de textos argumentativos caracterizados por “nichos metafóricos”. O objetivo dessa breve análise será ilustrar os fenômenos enfocados dentro da abordagem aqui proposta.

2 NOVOS CAMINHOS NOS ESTUDOS DA METÁFORA

O grande interesse pela metáfora e o conseqüente crescimento no número de pesquisas e de publicações nessa área devem-se, fundamentalmente, às mudanças na própria conceituação desse tropo que ocorreram durante as últimas décadas. Black (1962), por exemplo, ao introduzir, tendo como base as propostas de Richards (1936), o que é hoje conhecido como a visão interacional da metáfora, afasta-se da visão até então predominante. Nessa visão, a metáfora é abordada como um ornamento lingüístico, dispensável conceitual e epistemologicamente, característico apenas do discurso retórico ou poético, e que poderia ser substituído ou parafraseado por uma expressão literal equivalente. Já na perspectiva interacional, a metáfora, ao associar dois domínios de naturezas diversas, cria um terceiro sentido, singular, fruto dessa interação. Com isso, a metáfora passa a adquirir um estatuto cognitivo antes não reconhecido (KITTAI, 1987).

No entanto, apesar de sua clara dimensão cognitiva, que a transforma numa importante ferramenta para a construção de significados, a metáfora, dentro da perspectiva interacional, ainda é abordada a partir de seu uso na linguagem. A verdadeira ruptura com o paradigma tradicional deu-se a partir da publicação, em 1980, da obra, já clássica, *Metaphors we live by* (traduzida para o português e publicada, em 2002, com o título *Metáforas da vida cotidiana*), de George Lakoff e Mark Johnson. Nesse livro, os autores, ao mostrarem, através de evidências lingüísticas, a onipresença da metáfora até mesmo no discurso cotidiano, introduzem a sua revolucionária tese de que a metáfora não seria somente uma figura de linguagem, mas sim uma figura de pensamento, que subjaz não somente à linguagem como também a nossas ações. Metáforas dessa natureza surgiriam como um processo de se compreender, legitimar sócio, cognitiva e lingüisticamente um domínio de natureza abstrata (como “discussão” e “tempo”) a partir de outros domínios provenientes de experiências mais concretas (como “guerra” e “dinheiro”, respectivamente), esses sim já legitimados e reificados sócio e lingüisticamente. Essa teoria ficou conhecida como Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC).

Ao deslocarem a metáfora do âmbito da linguagem para o âmbito do pensamento, Lakoff e Johnson inauguram, ou pelo menos

formalizam mais explicitamente, o que já é visto como uma “virada paradigmática” (ZANOTTO; MOURA; NARDI; VEREZA, 2002). A metáfora conceptual, ao surgir como um objeto de pesquisa, novo, multidisciplinar, epistemologicamente consistente e, por essa razão, bastante promissor em seu potencial analítico, torna-se foco de inúmeros estudos na lingüística e lingüística cognitiva (por exemplo, CROFT; CRUSE, 2004; GOATLEY, 1997; SWEETZER, 1990; FAUCONNIER, 1994, 1997), nos estudos literários (por exemplo, LAKOFF; TURNER, 1989; STEEN, 1994), na psicologia cognitiva (por exemplo, GIBBS, 1994; HASKELL, 1987) e, mais recentemente, na lingüística aplicada (CAMERON; LOW, 1999; CAMERON, 2003; HOLME, 2004; ZANOTTO, 1995, 1998; entre outros).

As pesquisas nessa última área de investigação, a lingüística aplicada, apesar de bem mais recentes na história da “metaforologia”, têm superado uma limitação teórica e metodológica de outros estudos desenvolvidos nas áreas ditas mais “puras”: o fato de que muito do material lingüístico usado nesses estudos (inclusive dos de Lakoff e Johnson (1980/2002, 1999) e Kövecses (2002)) consiste de exemplos inventados. Se os exemplos enfocados, por outro lado, representarem amostras autênticas de linguagem *em uso*, a sua legitimidade e sua eficácia, tanto como objeto de estudo, como evidências explicativas, podem ser garantidas. Os estudos da metáfora desenvolvidos no âmbito da lingüística aplicada têm como importante característica, além de sua relevância para as áreas empíricas abordadas, a contextualização de seu objeto de investigação no âmbito do discurso. Mesmo com objetivos e metodologias diversos, essas pesquisas pressupõem que a metáfora, mesmo como figura de pensamento, manifesta-se no âmbito da linguagem em uso, e é a partir do contexto discursivo que ela pode ser mais bem compreendida.

Podemos ver assim que, depois de ter transferido o lócus da metáfora da linguagem para o pensamento, considerando a primeira apenas como um espaço em que as evidências da metáfora conceptual seriam materializadas, a pesquisa na área da metáfora tem se voltado, mais recentemente, para a linguagem a partir de uma perspectiva discursiva, ou seja, para o *uso* da metáfora em situações reais de linguagem em uso. No entanto, é muito importante ressaltar que isso não implica um retrocesso, ou seja, um retorno à visão puramente lingüística

da metáfora, típica da visão tradicional discutida anteriormente. A visão discursiva da metáfora pressupõe a metáfora conceptual, como importante ferramenta na construção de significados em determinados campos do discurso.

Partindo também de uma perspectiva social, que, como propõe Gibbs (1999), “transfere a metáfora da mente para o mundo”, uma nova tendência na metaforologia, já conhecida como Análise Crítica da metáfora, investiga a dimensão político-ideológica da figuratividade. Charteriz-Black (2004, 2005) apresenta um trabalho sólido nessa área, com alguma influência da Análise Crítica de Discurso. A tentativa de ressaltar o aspecto social nos estudos cognitivos confere clara legitimidade ao conceito de *sócio-cognição*, que não dicotomiza as noções de mente, sociedade e linguagem. Mas, o que é importante sob a perspectiva do presente trabalho é a proposta do autor de combinar, teórica e analiticamente, o enfoque cognitivo com o enfoque pragmático, esse último podendo ser articulado a uma teoria geral de argumentação, para que possamos compreender melhor o uso da metáfora, convencional ou nova, no discurso persuasivo.

3 A METÁFORA NOVA: ABORDAGENS COGNITIVA E PRAGMÁTICA

A diferença entre metáfora nova (ou criativa) e metáfora convencional (ou congelada), ou até mesmo “metáfora morta” (TRAUGOTT, 1986) não é uma distinção recente, introduzida pela TMC. No paradigma tradicional, muitos estudos da área da poética, retórica e, mais recentemente, da estilística e da pragmática, já pressupunham essa diferenciação: a metáfora nova (ou, segundo Cohen (1975), uma “figura de invenção”) seria essencialmente um recurso da linguagem literária enquanto que a metáfora convencional um fenômeno de idiomatidade, na dimensão do léxico.

No paradigma cognitivista, tanto a metáfora nova quanto a convencional seriam licenciadas por metáforas conceptuais subjacentes; ou seja, marcas ou evidências lingüísticas de estruturas cognitivas. Dessa forma, para os teóricos cognitivistas, as metáforas novas seriam

motivadas, como as convencionais o foram em algum momento, pelas metáforas conceptuais que as licenciam.

Assim, porque existiria, por exemplo, uma metáfora A VIDA É UMA VIAGEM e DIFICULDADE É PESO, eu posso criar uma expressão como “fulano é uma mala (já convencionalizada), mas sicrano é uma mochila de náilon”, por meio de desdobramentos (*entailments*) ou novos mapeamentos ou correspondências (LAKOFF; TURNER, 1989) entre os domínios fonte e alvo.

Até a suposta liberdade e/ou transcendência lingüístico-conceitual atribuída à poesia é desafiada pela TMC: mesmo as metáforas novas do discurso poético seriam geradas e nutridas a partir de metáforas conceptuais subjacentes, que fazem parte do nosso modo cotidiano de pensar, falar e agir:

Grandes poetas podem falar conosco porque usam os modos de pensar que nós já possuímos. Usando a capacidade que todos compartilhamos, poetas podem iluminar a experiência, explorar as conseqüências de nossas crenças, desafiar a maneira que pensamos e criticar nossas ideologias. (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 23)

Dentro dessa perspectiva, a atividade do poeta é vista como um processo que sempre parte das metáforas conceptuais e, por meio da criação de expressões lingüísticas metafóricas nutridas por essas, nos “leva para além delas” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 215). Se não fosse essa associação cognitiva entre metáforas criativas ou novas e metáforas conceptuais do nosso pensar ordinário, não haveria, segundo Lakoff e Turner (1989), a possibilidade de compreensão das primeiras.

Uma das conseqüências dessa abordagem cognitiva para a metáfora criativa é a de que essa figura perdeu seu estatuto de “criação lingüística individual do poeta” para, do ponto de vista analítico, tornar-se um desdobramento cognitivo marcado lingüisticamente. No entanto, nem sempre, do ponto de vista do analista cognitivista, a articulação entre “marca” e “metáfora conceptual subjacente” é suficientemente nítida. Se alguém diz, por exemplo, “O filho dele só obedece à base de *mensalão*”, o que estaria licenciando essa expressão metafórica? VIDA É POLÍTICA? MESADA É SUBORNO? Essas associações seriam metafóricas ou atributivas, expressando pressupostos ou crenças culturais?

Lakoff e Turner (1989) fizeram uma proposta inovadora ao mostrar que muitas das metáforas do discurso poético, repletos de metáforas novas, são motivadas por metáforas conceptuais subjacentes. Mas algumas não o seriam. Até que ponto se poderá realmente provar que não teriam sido os analistas que não conseguiram desvendar o mistério do que estaria “por trás”, uma vez que não há um inventário completo de todas as metáforas conceptuais pertencente a uma dada cultura?

Poder-se-ia ainda argumentar que metáforas desse tipo seriam mais bem explicadas pela teoria dos *espaços mentais* e da *mesclagem conceptual* (FAUCONNIER; TURNER, 2003), por esta ser bem mais abrangente e, de certa forma, apresentar uma proposta cognitivamente mais dinâmica do que a da teoria da metáfora conceptual. No entanto, a hipótese aqui defendida e que norteia a abordagem aqui adotada é a de que tanto a produção como a interpretação de metáforas novas, apesar de em nenhum momento implicarem a autonomia do significado das infinitas redes que o possibilitam, mas que também o limitam, deslocam, inevitavelmente, o foco da investigação do *sistema* para o *uso* (STEEN, 2006). Afinal, a motivação (nesse caso pragmática e não sistêmica) da produção e a interpretação de metáforas estão sempre inseridas em um contexto ou *evento comunicativo*, para usar o clássico termo de Hymes (1979), que, por sua vez, insere-se em um *contexto de cultura* (HALLIDAY, 1994/2004). É aqui, na interseção entre estrutura e enunciação, sujeito e cultura e sistema e uso, que a cognição, a semântica e a pragmática mostram-se, mais nitidamente, indissociáveis.

Nessa perspectiva, que coloca a metáfora nova como evidência mais clara dessa interseção, não há como não mencionar as reflexões de Mey (2006) e Martins (2006). O primeiro, a partir de uma abordagem pragmática, desloca a ordem proposta em Lakoff e Johnson de pensamento-linguagem-ação para ação-pensamento-linguagem, ressaltando a origem tanto do pensamento como da linguagem na ação humana. Dessa forma, a metáfora nova seria um tipo de atividade lingüística ou ação pragmática que entrecruzaria dois tipos de atividade (e não domínios conceptuais). Sendo que, para o autor, até mesmo as metáforas mortas poderiam ganhar vida no discurso, saindo de seu estado petrificado, caso as atividades das quais se originaram surjam, a partir de um ato pragmático, em um dado cenário discursivo. Em moldes

similares, Martins (2006) propõe, sob uma perspectiva wittgensteiniana, abordar a metáfora nova como um tipo específico de jogo de linguagem, ou melhor, uma prática de intercruzamentos de jogos de linguagem. Dessa forma, a autora rejeita a visão *representacionista* de metáfora, que a trata como uma entidade conceptual autônoma.

Podemos supor, assim, que, como prática social, a metáfora nova poderia surgir como tal em um dado acontecimento, mas a prática sociodiscursiva em si, ou os jogos (ou ainda, na concepção de Mey (2006), as atividades ou atos de linguagem), para fazerem sentido e serem interpretados, deveriam ter uma natureza convencional.

Partindo desse olhar que já vimos, de certa forma, compartilhando desde 1998, quando sugerimos que a própria noção de sentido literal seria um jogo de linguagem de natureza cognitivo-pragmática (VEREZA, 1998, 2007), vimos adotando uma abordagem cognitivo-discursiva para tentar compreender melhor a dinâmica dessas atividades. Creio que os intercruzamentos a que Martins se refere sejam práticas que servem a determinadas funções (ou atividades) em determinados contextos discursivos. Em outras palavras, seriam jogos de natureza metadiscursiva (aqui no sentido mesmo de se explorar aspectos da língua associados a outros jogos), com função ideacional ou interpessoal, que, no entanto, não prescindem de uma estrutura cognitiva que os possibilitem. Em outras palavras, seguindo Turner (2001) e Van Dijk (1990), adota-se aqui uma visão que rejeita qualquer hierarquização ou até mesmo dicotomização entre a dimensão social e a cognitiva do significado: qualquer “atividade discursiva” emerge a partir de uma estrutura cognitiva sócio e discursivamente inserida.

Nessa perspectiva, algumas perguntas, de caráter bem geral, podem surgir. Em primeiro lugar, de que modo e por qual função pragmática a metáfora nova é usada em práticas discursivas? Fora o discurso literário e poético, haveria práticas que conduziriam ou propiciariam um maior uso dessas metáforas? Como elas se inseririam, lingüística e discursivamente, dentro dessas práticas?

Para explorarmos, brevemente – devido ao escopo deste trabalho – essas questões, optamos por analisar o papel da metáfora nova na argumentação, por entendermos que essa é uma das dimensões do uso da linguagem em que vários recursos lingüístico-cognitivos, entre eles a

metáfora, são acionados, mais explicitamente, para criar efeitos discursivos (KOCH, 1988/2002).

4 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E OPERACIONAIS PARA UMA ANÁLISE DA METÁFORA NA ARGUMENTAÇÃO

Das várias teorias de argumentação e retórica, inclusive as provenientes da retórica clássica, adotaremos os pressupostos básicos propostos por van Eemeren, Grootendorst e Henkemans (2002). Os autores sustentam, a partir de uma abordagem mais pragmática do que propriamente lingüística, como a de Anscombe e Ducrot (1983), que a argumentação seria “uma atividade racional verbal e social, voltada ao convencimento de um possível interlocutor crítico da aceitabilidade de uma tese (*standpoint*) por meio da constelação de uma ou mais proposições que justificariam essa tese” (p. xii). Ainda segundo os autores, a teoria da argumentação não seguiria os mesmos princípios de uma abordagem baseada na lógica, em que a argumentação é tratada como um produto de um processo racional, mas como parte de um processo de comunicação e interação inserido em um dado contexto. Esse processo levaria sempre em conta “uma diferença de opinião”, mesmo que, como no caso de muitos gêneros escritos, não haja um interlocutor presente que mostre, explicitamente, essa diferença de opinião. Nesse caso, o argumentador anteciparia essas diferenças, desenvolvendo sua argumentação tendo-as como parâmetro para desenvolver sua “constelação”.

Além da distinção entre tendências lingüísticas, lógicas ou pragmáticas para se abordar a argumentação, Amossy (2005) propõe uma outra que enfoca a própria abrangência desse fenômeno, tanto na linguagem como no discurso. Segundo a autora, haveria uma linha “forte”, de natureza mais retórica, como a de Perelman e Ollbrechts-Tyteca (1969) e van Eemeren, Grootendorst e Henkemans (2002), que trata a argumentação, como já foi mencionado anteriormente, como um tipo de discurso focado na persuasão, consistindo de estratégias verbais que objetivariam a “resolução” das diferenças de opinião. A linha “fraca”

aborda a argumentação como um fenômeno que se estende à língua em sua totalidade (AMOSSY, 2005, p. 88), fazendo parte do “sistema lingüístico”, não se restringindo ao uso persuasivo da linguagem, estabelecendo, apenas, mas em todos os casos, uma dada “orientação”.

Apesar de compartilharmos, com essa última linha, uma visão de linguagem que descarta a possibilidade de um discurso sem “orientação” (ou sem subjetividade e/ou ideologia) e que não seja, sempre, mais ou menos interpessoal, optamos pela conceituação mais “forte” de argumentação, por razões sobretudo operacionais, uma vez que estamos defendendo uma abordagem para a metáfora nova que privilegie seu papel explicitamente argumentativo. Em outras palavras, o que propomos é que a metáfora nova, a partir de uma cadeia de desdobramentos, textualmente coesivos, colabora, lingüístico, cognitiva e pragmaticamente para a força argumentativa do discurso.

Essas “cadeias ou redes figuradas”, presentes em muitos textos argumentativos, poderiam ser vistas como “nichos metafóricos”, ou seja, um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto. A apropriação metametafórica do termo “nicho”, aqui proposta, deu-se, principalmente, a partir da seguinte definição de seu uso mais canônico, do domínio da ecologia:

[...] como o sistema de espécies está organizado; como as várias espécies estão inter-relacionadas e se ajustam no todo, e o papel de cada espécie no funcionamento do todo. Este lugar ou regra das espécies no sistema é chamado de nicho. O nicho é o meio das populações de espécies se ajustarem numa dada comunidade. O nicho é conseqüentemente parte do conjunto total de relacionamento das espécies no ambiente. (MATTAR; AUAD, 1997)

Dessa definição, as seguintes noções, a serem mapeadas do domínio ecológico para o metafórico-discursivo, podem ser destacadas: inter-relacionamento, funcionamento e ajuste no todo.

É a partir dessa perspectiva que a metaforicidade discursiva, identificada em alguns trechos de textos de gêneros⁸ de natureza argumentativa, será, a seguir, brevemente examinada.

5 NICHOS METAFÓRICOS E ARGUMENTAÇÃO

TEXTO 1

Ao contrário dos animais, que não têm geladeira para conservar o excesso obtido nos bons dias de caça, nós, os seres humanos do século XXI, temos sofisticados produtos financeiros à disposição. Os investimentos funcionam como refrigeradores. Melhor ainda, eles fazem a comida estocada aumentar muito, ao longo dos anos, através dos juros, dos aluguéis e dos dividendos.[...] Profissionais liberais e pequenos empresários precisam fazer o dinheiro trabalhar para eles. É a melhor maneira de criar uma rede para protegê-los nos momentos ruins em suas atividades. [...] Eles não têm décimo terceiro salário, INSS ou fundo de garantia. Assim como os animais selvagens, o profissional liberal e os empreendedores precisam lutar para sobreviver... (Mauro Halfeld. Coluna “De olho nas finanças”. Caderno de Economia, Jornal O GLOBO, 18/06/2007.)

A identificação das expressões metafóricas que constituem o nicho em foco deu-se por meio da “incongruência semântica” (KITTAI, 1987), como, por exemplo, a que existe entre *investimento* e *refrigerador*, *recursos financeiros* e *comida*, e *seres humanos* e *animais selvagens*.

As expressões metafóricas centrais do texto, que podem ser consideradas criativas, seriam: *profissional liberal é animal selvagem* (o traço que teriam em comum, dentro do contexto argumentativo seria: ambos lutam para sobreviver) e *o resultado da caça é resultado do trabalho*. Como o

⁸ Entendendo gêneros do discurso como a manifestação sistemática e, de certa forma, convencional de práticas discursivas (MARTIN; ROSE, 2003), buscamos os gêneros não literários em que, a princípio, a metáfora nova seria mais facilmente encontrada. Optamos, assim, por investigar as metáforas em dois editoriais e uma crônica de jornais/revistas para podermos compreender como elas se inserem na macro-função argumentativa desse tipo de texto. Partimos do pressuposto de que esses gêneros têm uma função predominantemente persuasiva, e por isso o foco do discurso e, portanto, das metáforas nele presentes, estaria na função interpessoal, enquanto que o foco das metáforas no discurso educacional, estudado por Cameron (2003), por exemplo, estaria mais na função ideacional, ou epistemológica, característica da construção e divulgação do conhecimento.

animal, o profissional liberal deve poupar recursos para garantir a sobrevivência no futuro.

Outras proposições metafóricas, constituintes do nicho metafórico, surgem, implícita ou explicitamente, como desdobramentos cognitivo-discursivos das metáforas centrais, formando uma rede argumentativa que dá suporte à tese central: caça é dinheiro, excesso nos dias de caça corresponderia a juros ou dividendos; produtos financeiros seriam uma geladeira (“conservam” o recurso).

As proposições metafóricas, cognitivamente inter-relacionadas, ajustam-se no todo, funcionando como elementos construtores da argumentação. Os desdobramentos colaboram, assim, na formação da tessitura argumentativa, ressaltando, do domínio da vida animal/selvagem, o aspecto que parece ser mais relevante da argumentação: a questão da sobrevivência. Como dinheiro é comida (metafórica e não só metonimicamente), quem não guarda não sobrevive em momentos difíceis. Esse é o caso do profissional liberal, que não tem aposentadoria, fundo de garantia e outros benefícios do trabalhador com carteira assinada.

Vemos, assim, o nicho metafórico sendo usado como um recurso cognitivo, ao estabelecer mapeamentos interdominiais, e, ao mesmo tempo, pragmático, ao criar uma rede argumentativa para construir e reforçar a tese central, que pode ser resumida como: o profissional deve investir seus ganhos para garantir, financeiramente, seu futuro. Na argumentação de natureza metafórica, pressupostos culturais (VAN EEMEREN; GROOTENDORST; HENKEMANS, 2002) parecem ser também acionados, como a fábula da cigarra e da formiga: quem não poupa em tempos fáceis, morrerá de fome em tempos mais difíceis.

Em relação às possíveis metáforas conceptuais que subjazem às várias expressões do nicho metafórico, podemos propor as seguintes: Dinheiro é comida e Sobrevivência financeira é sobrevivência física. Caso aceitemos, por meio de um exame de evidências lingüísticas no próprio texto, a possibilidade de que essas e/ou outras metáforas conceptuais tenham licenciado a produção não só de metáforas lingüísticas isoladas, mas de todo o nicho metafórico, a articulação, aqui defendida, entre a dimensão cognitiva e a pragmática da metáfora e entre seu lugar tanto no sistema quanto no uso (na linguagem e no pensamento) coloca-se como uma hipótese bastante plausível.

TEXTO 2

Mato Grosso era um estado do meu país que eu não tinha visitado ainda [...] compreendi também quanto somos vítimas de descuido, desinteresse e malandragem no que diz respeito aos transportes, ao escoamento da produção e, mais que tudo, à segurança de nossa vida e das pessoas amadas [...]. Na hora de escrever esta coluna, me ocorreu que também nós precisaríamos de uma urgente e séria revisão sobre o tráfego de bens em nossa vida pessoal, em nosso interior [...] investimento da alma. Caminhos travados por desinteresse, ignorância ou pouco amor à vida produzem afetos frustrados, escolhas tortas ou eternamente adiadas. Caímos nos buracos de nossas neuroses silenciosas, isolados por pontes precárias que não permitem bons relacionamentos. Vivemos em estado de desperdício: não de produtos agrícolas ou bens, mas desperdício de vida, de sonho, de realização de solidariedade e de alegria.

Se a vida é uma viagem com origem e destino nebulosos, a falta de visão, de interesse e aplicações emocionais e racionais nas vias de passagem determinarão a qualidade dessa aventura que é existir numa terra vasta, com passagens surpreendentes, ameaças e armadilhas. Não somos grandes coisas como viajantes nesse sentido, mas podíamos melhorar. A Vida é uma terra bem mais vasta do que as vastas regiões do Brasil, onde tanto se perde sem necessidade[...]: Botamos fora o bem da nossa alma – ela ainda não virou deserto.

(Lya Luft. Coluna Ponto de Vista. Revista Veja, 9 de maio de 2007.)

O primeiro nicho metafórico é introduzido, discursivamente, por meio do marcador discursivo (KOCH, 1988/2002) “também nós” e pela correspondência coesiva entre transporte, do primeiro domínio discursivo, não figurado, envolvendo o problema de transporte em Mato Grosso, e o “tráfego em nossa vida pessoal”. Assim, o texto é iniciado por meio de uma descrição não figurada sobre as mazelas infra-estruturais de uma região do Brasil, que funciona, por um lado, como enquadre (*frame*, KITTAY, 1987) que abrigará, cognitiva e discursivamente, as metáforas a serem construídas e por outro, como a materialização lingüística e textual do domínio fonte que irá nutrir essas metáforas.

A tese é metaforicamente construída: temos problemas na “alma” por falta de cuidado, conhecimento e interesse, da mesma forma que territórios (brasileiros) sofrem devido à falta desses mesmos elementos, resultantes do descaso humano. Os desdobramentos vão tecendo a argumentação, criando redes metafóricas entre os dois domínios: tráfego

de bens da vida pessoal, caminhos travados, buracos de neurose, pontes de relacionamentos, desperdício de vida (e não de produtos agrícolas). Todos esses elementos são mapeados tendo como base a metáfora central “a vida é um território” (*A Vida é uma terra bem mais vasta do que as vastas regiões do Brasil; é existir numa terra vasta, com passagens surpreendentes, ameaças e armadilhas*) sobre e no qual viajamos (*não somos grandes coisas como viajantes*). A metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, tão onipresente na literatura sobre a TCM, é aqui explicitada (*Se a vida é uma viagem com origem e destino nebulosos*) articulando-se cognitivamente e discursivamente à da vida (metonimicamente associada à alma) é um território (mal cuidado, que ainda não virou “deserto”), formando um nicho metafórico, complexo, mas ao mesmo tempo coerente, que orienta os caminhos textuais da argumentação.

TEXTO 3

São comuns, na roça, histórias fantasmagóricas. Saci-pererê, boitatá, mula-sem-cabeça... Nas práticas agrícolas, a Lua definia períodos de plantio e colheita. Cortar bambu, somente se permitia na fase minguante, para não carunchar. A maioria das crenças rurais acabou distante, perdida no trajeto da civilização brasileira. Curioso é perceber que, nessa transição do mundo mágico para a racionalidade, certas crendices rurais permaneceram vivas, como se verdades científicas fossem. Um caso exemplar afeta o eucalipto.

Por mais que a ciência moderna comprove que a árvore é generosa, sua fama de má continua assombrando por aí. Dizem que espanta chuva, seca o solo, que nada nasce ao seu redor, nem vinga na terra com ela outrora ocupada. Nada disso é verdade, mas continua a conversa fiada. [...]

Dizem que manga comida com leite faz mal. Não procede. Espalhada pelo patrão, a mentira procurava impedir o consumo de leite pelos escravos. Segregar o agricultor familiar, à semelhança da crendice do leite, significa criar uma distinção enganosa. Atrapalha, não ajuda, a enfrentar os dilemas da economia agrária.

(Crendices e falácias, Xico Graziano, 07/8/2006 -

<http://www.itv.org.br/site/biblioteca/conteudo.asp?id=620>)

A argumentação construída no texto para promover a tese central (*standpoint*) de que o eucalipto, ao contrário do que muitos acreditam, não é uma árvore nociva recorre a associações que, a princípio, podem não parecer de natureza metafórica. A oposição ressaltada, explicitamente, entre “mundo mágico” e “racionalidade”, e “crendice” e “verdade

científica” estabelece a orientação argumentativa: acreditar que o eucalipto seja uma árvore nociva é uma crença falaciosa; não é apenas ignorância sobre seus atributos positivos, mas uma credence.

A correlação entre crença (no caso, equivocada) e credence pode ser vista como um recurso argumentativo de natureza metafórica. O primeiro domínio é caracterizado por elementos semânticos como engano, falácia, equívoco e erro, todos associados à falta de algum conhecimento específico que pudesse mostrar “a verdade dos fatos”. No entanto, a credence pertence a um domínio com conotações bem mais negativas dentro do contexto da racionalidade, como a superstição e a magia. É desse último domínio que alguns elementos são retirados: histórias fantasmagóricas – Saci-Pererê, boitatá, mula-sem-cabeça, além de “lendas”, como a do corte do bambu e a “ingestão venenosa” de manga com leite. Vale ressaltar o contexto delimitado para o primeiro domínio, a economia agrícola, e para o segundo, a roça, cada qual com uma perspectiva ideológica própria e possivelmente antagônicas.

Todos esses elementos, em seu conjunto, formam um nicho metafórico de grande poder de argumentação, dada a clara valoração sociocultural da “racionalidade”, inclusive como parâmetro para se construir uma argumentação “legítima”, apagando, até mesmo, a metaforicidade no discurso, enquadrando-a, discursivamente, como uma simples comparação. Crer na nocividade do eucalipto não é uma simples crença equivocada: é uma credence, como acreditar em Saci-Pererê. Dessa forma, quem compartilha essa crença (o homem da roça), “rebaixada” discursiva e cognitivamente ao estatuto de credence por meio de uma metaforização velada, é desqualificado diante da voz da autoridade científica apropriada pela voz autoral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise aqui proposta objetivou a compreensão do papel da metáfora no desenvolvimento e estruturação discursiva da argumentação em textos de natureza persuasiva.

O conceito de nicho metafórico mostrou-se analiticamente pertinente por ressaltar as redes, ou inter cruzamentos cognitivo-discursivos formados por desdobramentos de metáforas específicas, cuja

função mostrou-se, do ponto de vista pragmático, de teor argumentativo. Em cada texto focado, havia uma tese (*standpoint*) a ser promovida, sendo que esta poderia estar implícita ou explicitamente expressa. Desenvolver argumentativamente essa tese por meio de metáforas evidencia, assim, a inseparabilidade entre cognição e pragmática. Se, por um lado, pôde-se observar o acesso a metáforas conceituais já legitimadas sócio e lingüisticamente, como A VIDA É UMA VIAGEM e SOBREVIVÊNCIA FÍSICA É SOBREVIVÊNCIA FINANCEIRA, por outro, constatou-se a formação textual de novos cruzamentos entre domínios diferentes ressaltados cognitiva e discursivamente para fins argumentativos.

Dessa forma, a metáfora nova, mesmo que articulada a estruturas cognitivas da dimensão do sistema (STEEN, 2006), evidencia o seu papel de *atividade* (MEY, 2006) na linguagem em uso ou na ação discursiva, inter cruzando, assim, não somente domínios, mas também as próprias fundações do sentido: ação, linguagem e pensamento.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. The argumentative dimension of discourse. In: VAN EEMEREN, F.H.; HOUTLOSSER, P. **Argumentation in practice**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 87-98.
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- BLACK, M. Metaphor. In: BLACK, M. (Org.). **Models and metaphor**. New York: Cornell University Press, 1962.
- CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, L.; LOW, G. **Researching and applying metaphor**. Cambridge: CUP, 1999.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. New York: Palgrave, 2004.
- _____. **Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor**. New York: Palgrave, 2005.

- COHEN, J. Teoria da figura. In: COHEN et al. **Pesquisas em retórica**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: CUP, 1994.
- _____. **Mappings in thought and language**. Cambridge: CUP, 1997.
- _____; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2003.
- GIBBS, R.W. **The poetics of the mind**: figurative thought, language and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R.W.; STEEN, G. (Orgs.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 145-166.
- GOATLEY, A. **The language of metaphors**. London: Routledge, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2th ed. London: Edward Arnold, 2004 [1994].
- HASKELL, R. **Cognition and symbolic structures**. Norwold: Ablex Publishind Co, 1987.
- HOLME, R. **Mind, metaphor and language teaching**. New York: Palgrave, 2004.
- HYMES, D. On communicative competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. **The communicative approach to language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- KITTAY, E. **Metaphor its cognitive force and linguistic structure**. Oxford: OUP, 1987.
- KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002 [1988].
- KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: OUP, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.
- _____; _____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

_____; TURNER, M. **More than cool reason**: field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with discourse**. London: Continuum, 2003.

MARTINS, H. Novel metaphor and conceptual stability. **DELTA**, v. 22, n. esp., p. 123-146, 2006.

MATTAR, F. N.; AUAD, M. Nicho de mercado: um conceito ainda indefinido. SEMEA, 2. **Anais...** [s.l.]: [s.n.], 1997.

MEY, J. Metaphor and activity. **DELTA**, v. 26, n. esp., p. 5-17, 2006.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **The new rhetoric**: a treatise on argumentation. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969.

RICHARDS, I. Metaphor. In: _____. **The philosophy of rhetoric**. London: OUP, 1936.

STEEN, G. **Understanding metaphor in literature**: an empirical approach. London: Longman, 1994.

_____. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **DELTA**, v. 22, n. esp., p. 21-44, 2006.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: the mind-body metaphor in semantic structure and semantic change. Cambridge: CUP, 1990.

TRAUGOTT, E. C. "Conventional" and "dead" metaphors revisited. In: DIRVEN, R.; PAPROTTZ, W. (Eds.). **The ubiquity of metaphor in language and thought**. Amsterdam: J. Benjamins, 1986. p.17-56.

TURNER, M. **Cognitive dimensions of social science**. Oxford: OUP. 2001.

VAN DIJK, T.A. Social cognition and discourse. In: GILES, H.; ROBINSON, P. (Eds.). **Handbook of language and social cognition**. London: Chichester Wiley, 1990. p. 163-167.

VAN EEMEREN, F.H.; GROOTENDORST, R.; HENKEMANS, F.S. **Argumentation**: analysis, evaluation. New York: LEA, 2002.

VEREZA, S. C. **O sentido literal como metáfora cognitivo-pragmática**. Tese (doutorado em Lingüística) – PUC-SP, São Paulo, 1998.

_____. **Literalmente falando**: sentido literal e metáfora na metalinguagem. Niterói: Eduff, 2007.

ZANOTTO, M. S. Metáfora, cognição e ensino da leitura. **DELTA**, v. 11, n. 2, p. 241-254, 1995.

VEREZA – Metáfora e argumentação...

_____. A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social de leitura. In: PAIVA, V.L.M.O. **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____; MOURA, H.; NARDI, M. I.; VEREZA, S. C. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

Recebido em 03/05/07. Aprovado em 21/09/07.

Title: Metaphor and argumentation: a cognitive-discursive approach

Author: Solange Coelho Vereza

Abstract: The cognitive paradigm in the study of the metaphor stresses the nature of a trope as a figure essentially of the mind, and not just of language. As a result of that new approach, language came to have a relatively secondary role as the locus of metaphors and, consequently, as the focus in metaphor research. However, more recently a number of researchers have stressed the discursive dimension of metaphors, suggesting an articulation between discourse and cognition. The present work follows such a trend and aims at exploring the argumentative dimension of metaphors, especially new metaphors, as a resource of cognitive-pragmatic nature. This work examines discursively inter-related metaphoric phrases which constitute “metaphoric niches” in persuasive texts.

Keywords: metaphor; cognition; persuasion; pragmatics.

Titre: Métaphore et argumentation: une approche cognitive-discursive

Auteur: Solange Coelho Vereza

Résumé: Le paradigme cognitiviste dans l'étude de la métaphore fait rejaillir la nature de ce trope comme figure essentiellement de pensée et pas seulement de langage. Comme résultat de cette nouvelle focalisation, le langage a pris un rôle relativement secondaire comme locus de la métaphore et, par conséquent, comme foyer de la recherche dans le domaine de la métaphore. Cependant, plusieurs théoriciens, plus récemment, sont en train de détacher la dimension discursive de la métaphore, tout en proposant une articulation entre discours et cognition. Ce travail s'associe à cette tendance, ayant comme objectif exploiter la dimension argumentative de la métaphore, surtout la métaphore nouvelle, comme un recours de nature cognitive pragmatique. Des expressions métaphoriques, discursivement mises en rapport, qui forment des « niches métaphoriques » dans des textes persuasifs seront analysées.

Mots-clés: métaphore; cognition; persuasion; pragmatique.

Título: Metáfora y argumentación: un abordaje cognitivo-discursivo

Autor: Solange Coelho Vereza

Resumen: El paradigma cognitivista en el estudio de la metáfora resalta la naturaleza

de ese tropo como figura esencialmente de pensamiento y no apenas de lenguaje. Como resultado de ese nuevo enfoque, el lenguaje pasó a tener un papel relativamente secundario como lócus de la metáfora y, consecuentemente, como foco de la investigación en metáfora. Sin embargo, varios teóricos vienen, más recientemente, destacando la dimensión discursiva de la metáfora, proponiendo una articulación entre discurso y cognición. Este trabajo se une a esta tendencia, teniendo como objetivo explorar la dimensión argumentativa de la metáfora, en especial la metáfora nueva, como un recurso de naturaleza cognitivo-pragmática. Expresiones metafóricas, discursivamente interrelacionadas, que forman “nichos metafóricos” en textos persuasivos, serán examinadas.

Palabras-clave: metáfora; cognición; persuasión; pragmática.